

INTÉRPRETES DE LIBRAS–PORTUGUÊS EM CONTEXTOS EMPRESARIAIS DE TECNOLOGIA E SOLUÇÕES DIGITAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Hanna Beer Furtado¹
Universidade de São Paulo

Stephanie Caroline Alves Vasconcelos²
Universidade Federal de São Carlos

Resumo:

A atuação de intérpretes de Libras–português em contextos empresariais de tecnologia e soluções digitais permanece pouco descrita na literatura brasileira. Este estudo exploratório e descritivo buscou caracterizar o perfil dos profissionais que atuam nesse contexto, compreender como organizam sua prática e identificar as demandas linguísticas, terminológicas e comunicacionais percebidas. Os dados foram produzidos por meio de questionário on-line, com amostragem não probabilística intencional associada à técnica de bola de neve. A amostra foi composta por 12 participantes com experiência recente nesse tipo de atuação. Os resultados mostram um grupo predominantemente experiente e com elevada escolarização, que atua regularmente nesses contextos, majoritariamente de forma remota e com frequente circulação entre diferentes equipes. O trabalho ocorre em ambientes fortemente mediados por tecnologias digitais, também utilizadas para a troca de informações e o apoio entre intérpretes durante atuações em dupla. Já ferramentas destinadas a auxiliar diretamente a interpretação, como legendas, tradução automática e inteligência artificial, são utilizadas de forma menos sistemática e variam entre os participantes. Preparação, acesso ao contexto e coordenação da interação aparecem como aspectos relevantes da prática. Entre as demandas percebidas, destacam-se a terminologia especializada, a presença recorrente do inglês, a abstração conceitual, os recursos visuais e o ritmo das interações. Parte dos conhecimentos necessários à atuação é construída por autoestudo e pela própria experiência profissional. O estudo amplia a descrição desse contexto nos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) e contribui para a discussão sobre formação, especialização e prática interpretativa em ambientes empresariais mediados por tecnologias digitais.

Palavras-chave: Libras; Interpretação de línguas de sinais; Contextos empresariais; Formação de intérpretes; Tecnologias digitais.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Linguística Aplicada e Aquisição de Línguas em Contextos Multilíngues pela Universidade de Barcelona. Bacharela em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pesquisadora de pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP), em colaboração com o CCD-TAAL (UNICAMP). Tradutora e intérprete de Libras-Português-Inglês, certificada pelo ProLibras (MEC/UFSC). Cofundadora da Inclua, empresa especializada em acessibilidade linguística e comunicacional.

² Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Mestra em Linguística Aplicada pela UFSC. Adquiriu Certificado de Ensino de Inglês para Falantes de Outras Línguas (CELTA - Cambridge) pela Stafford House London. Graduada em Licenciatura Plena em Letras Português e Inglês pela UFSCar. <https://orcid.org/0000-0001-7323-9440>

Abstract:

The work of Libras–Portuguese interpreters in corporate settings involving technology and digital solutions remains underexplored in Brazilian scholarship. This exploratory, descriptive study sought to characterize the profile of interpreters working in these settings, examine how they organize their practice, and identify the linguistic, terminological, and communicative demands they perceive. Data were collected through an online questionnaire using purposive non-probability sampling combined with snowball sampling. The sample comprised 12 interpreters with recent experience in this type of work. Participants were predominantly experienced and highly educated, worked regularly in these settings, and did so mostly remotely, often rotating across different teams. Their work takes place in digitally mediated environments, where digital tools are also used for communication and mutual support between interpreters during team interpreting. By contrast, tools intended to assist the interpreting task directly, such as captions, machine translation, and AI-based resources, are used less consistently across participants. Preparation, access to contextual information, and interactional coordination emerge as important aspects of practice. Reported demands include specialized terminology, the recurring presence of English, conceptually abstract content, visual resources, and the pace of workplace interactions. Part of the knowledge required for this work is developed through self-directed learning and professional experience. The study provides an empirical account of an underdocumented area of practice within Sign Language Translation and Interpreting Studies and contributes to discussions of interpreter education, specialization, and interpreting practice in digitally mediated corporate environments.

Keywords: Libras; Sign Language Interpreting; Workplace Settings; Interpreter Education; Digital Technologies.

1. Introdução

Nas últimas décadas, os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) vêm se consolidando no Brasil, com a ampliação da pesquisa na graduação e na pós-graduação, a constituição de grupos e núcleos de pesquisa e a expansão da formação universitária de tradutores e intérpretes de Libras–português (Rodrigues; Galán-Mañas; Custódio da Silva, 2021; Rodrigues; Christmann, 2023). Esse movimento acompanha a presença desses profissionais em diferentes contextos de atuação (Vilaça-Cruz; Rodrigues; Galán-Mañas, 2022).

Entre esses espaços, a esfera empresarial permanece pouco descrita na literatura da área. Neste artigo, interpretação empresarial³ refere-se, de forma ampla, à interpretação entre Libras e português realizada no interior de empresas, em situações de trabalho que envolvem profissionais surdos e seus interlocutores em diferentes posições e funções na organização. Poltronieri-Gessner e Santos (2017) já apontavam a escassez de produções acadêmicas sobre

³ Utiliza-se “interpretação empresarial” para designar, de forma mais ampla, a atuação interpretativa na esfera empresarial. A denominação foi adotada por Rodrigues e Beer (2015) na tradução do verbete de Daniel Gile, *Conference interpreting, historical and cognitive perspectives*, publicado na segunda edição da *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (Baker; Saldanha, 2009).

essa atuação e destacavam particularidades das interações envolvendo profissionais surdos no mercado de trabalho. Dentro dessa esfera, os contextos empresariais⁴ em que equipes se dedicam à ideação, ao desenvolvimento, à gestão ou à manutenção de tecnologias e soluções digitais⁵ constituem um recorte ainda mais específico.

Esse recorte combina condições que afetam diretamente a atividade interpretativa. A mediação tecnológica⁶ presente em muitas dessas interações altera condições historicamente associadas à interpretação, como a copresença física dos participantes (Pöchhacker, 2022). Ao mesmo tempo, parte do trabalho de desenvolvimento de soluções digitais se organiza por métodos ágeis, com ciclos curtos, acompanhamento frequente das atividades e possibilidade de ajustes ao longo do processo (Salvador, 2025). Para os intérpretes, isso significa atuar em ambientes marcados não apenas por conteúdo especializado, mas também por formas específicas de interação e organização do trabalho.

Atuar nessas condições exige conhecimentos e recursos que permitam compreender o contexto e preparar a tarefa. Luchi (2019), ao analisar matrizes curriculares de cursos superiores de formação de tradutores e intérpretes de Libras–português institucionalizados entre 2005 e 2015, identificou baixa presença de conteúdos relacionados à subcompetência instrumental⁷, que inclui conhecimentos sobre tecnologias da informação e fontes de documentação aplicadas à tradução. Gomes (2024), por sua vez, destaca a importância da preparação temática, conceitual e terminológica em contextos especializados. Mesmo sem tratarem especificamente da interpretação em contextos empresariais de tecnologia, os dois trabalhos ajudam a compreender aspectos que aparecem nesse tipo de atuação: de um lado, os recursos contemplados na formação; de outro, os conhecimentos construídos na preparação para contextos especializados.

É nesse recorte que se insere o presente estudo, voltado a uma caracterização inicial da atuação de intérpretes de Libras–português em equipes dedicadas à ideação, ao

⁴ “Contextos empresariais” designa aqui as situações de trabalho investigadas no interior de empresas, sem pressupor uma categoria específica de interpretação. A denominação também é empregada pela Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils), que inclui nessa rubrica atividades como treinamentos, seleções de emprego, reuniões e situações similares (FEBRAPILS, 2020).

⁵ A expressão “tecnologias e soluções digitais” abrange produtos, sistemas, serviços e aplicações digitais concebidos, desenvolvidos, geridos ou mantidos pelas equipes investigadas, como softwares, plataformas e outros produtos digitais.

⁶ “Mediação tecnológica” refere-se aqui à presença de tecnologias digitais nas próprias condições de realização das interações e do trabalho, como em plataformas de videoconferência e outros ambientes virtuais compartilhados.

⁷ A subcompetência instrumental integra o modelo de competência tradutória do grupo PACTE (PACTE, 2003 apud Luchi, 2019) e inclui conhecimentos relacionados ao uso de tecnologias da informação e de fontes de documentação.

desenvolvimento, à gestão ou à manutenção de tecnologias e soluções digitais. Consideram-se situações de trabalho em que profissionais surdos sinalizantes de Libras e profissionais ouvintes interagem no interior de empresas cuja atividade-fim pode ou não estar relacionada ao setor de tecnologia. A investigação foi orientada, assim, pela seguinte questão: quem são os intérpretes de Libras–português que atuam em contextos empresariais de tecnologia e soluções digitais no Brasil, como organizam sua prática e quais demandas linguísticas, terminológicas e comunicacionais identificam nesse trabalho?

Para respondê-la, foram definidos três objetivos específicos: i) identificar o perfil profissional e a trajetória de inserção dos intérpretes nesse contexto; ii) descrever as ferramentas digitais, os recursos de apoio e as formas de organização da prática; e iii) analisar as demandas linguísticas, terminológicas e comunicacionais percebidas pelos participantes. Com isso, o estudo busca contribuir para a descrição de uma atuação já presente no mercado, mas ainda pouco documentada nos ETILS.

2. Referencial teórico-contextual

No Brasil, a profissionalização da interpretação de línguas de sinais ocorreu de forma gradual. As primeiras práticas estiveram fortemente ligadas às comunidades surdas e a espaços comunitários e religiosos; a partir dos anos 2000, ganharam espaço formas mais institucionalizadas de formação, em paralelo ao reconhecimento legal da Libras e à regulamentação da profissão (Rodrigues; Beer, 2015; Martins; Nascimento, 2015; Luchi, 2019). Com a ampliação dos contextos de atuação, intérpretes passaram a estar presentes em diferentes esferas sociais, institucionais e profissionais, o que também trouxe exigências distintas de conhecimento e de organização do trabalho (Rodrigues, 2019; Vilaça-Cruz; Rodrigues; Galán-Mañas, 2022).

A esfera empresarial é uma dessas frentes. Poltronieri-Gessner e Santos (2017), ao examinarem a interpretação de Libras–português nesse espaço, discutem a variedade de denominações atribuídas à atuação, entre elas *liaison* e *escort interpreting*, cujas fronteiras nem sempre aparecem claramente definidas. As autoras também apontam diferenças em relação às situações de interpretação empresarial entre línguas vocais descritas na literatura. No cenário analisado, a relação entre empregado surdo e empregador ou seu representante é marcada por uma diferença hierárquica entre os participantes, aproximando essa atuação, nesse aspecto, de características associadas à interpretação comunitária.

Com efeito, a participação de pessoas surdas no trabalho envolve também uma dimensão jurídico-linguística. Poltronieri-Gessner e Santos (2017) relacionam o aumento da demanda por interpretação na esfera empresarial ao marco legal brasileiro, especialmente à Lei de Cotas (Lei nº 8.213/1991) e à Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015). Beer (2024), a partir do Direito Linguístico (Abreu, 2020; Sigales-Gonçalves, 2020), mostra que o direito ao trabalho não se limita ao acesso à vaga, mas envolve condições linguísticas para a participação e a permanência da pessoa surda no ambiente profissional. Ao discutir o artigo 34 da Lei Brasileira de Inclusão, a autora inclui entre essas condições tanto as interações cotidianas quanto os processos de formação e capacitação. Tradução e interpretação passam, assim, a fazer parte das condições de exercício desse direito, que se realiza em diferentes posições nas relações de trabalho e nas estruturas organizacionais. Pessoas surdas podem atuar, por exemplo, em funções de liderança e gestão ou na condição de empregadoras.

Para além da dimensão jurídico-linguística, a interpretação empresarial ocorre em interações institucionais cuja organização também interfere na atividade interpretativa. Wadensjö (2004), a partir de uma perspectiva dialógica, compreende a interpretação de diálogo como uma atividade que envolve tradução e coordenação. A primeira diz respeito à produção de versões dos enunciados entre as línguas; a segunda, à participação do intérprete na organização e no andamento da interação. Em contextos institucionais, tópicos, turnos e relações entre os participantes são também atravessados pela própria organização da instituição. Em situações de trabalho, portanto, as exigências da interpretação não decorrem apenas do que é dito, mas também de quem participa da interação, das posições que ocupa e da forma como essa interação se organiza.

Nesses ambientes, importa ainda considerar as condições tecnológicas em que as interações acontecem. Pöchhacker (2022) situa a mediação tecnológica entre as transformações que vêm deslocando características historicamente associadas à própria concepção de interpretação. Uma delas é a imediatez espacial: durante muito tempo, interpretar pressupôs não apenas interação em tempo real, mas também a copresença dos participantes. Com a interpretação mediada por vídeo e a expansão dos ambientes virtuais, essa unidade de lugar deixa de ser necessária, e o intérprete passa a integrar um espaço comunicativo também constituído pela tecnologia. O autor observa, inclusive, que a interpretação de línguas de sinais teve papel pioneiro na ampla adoção da interpretação remota por vídeo, em razão de sua dependência do canal visual. Nesse sentido, a tecnologia não funciona apenas como suporte para a interação, mas participa das próprias condições em que a interpretação ocorre.

A tecnologia, nesse recorte, não está apenas no meio pelo qual as equipes interagem; ela também participa da forma como o trabalho é organizado e acompanhado. Entre as formas de organização presentes em equipes que atuam com tecnologia e soluções digitais estão os métodos ágeis, que estruturam o desenvolvimento de produtos em ciclos curtos e sucessivos, acompanhados e ajustados ao longo do processo (Salvador, 2025). No Scrum, um dos referenciais utilizados nesse tipo de trabalho, as atividades se organizam em *sprints*⁸ e em eventos recorrentes, como encontros breves de acompanhamento, planejamento, revisão e retrospectiva. A comunicação e a aprendizagem contínuas têm papel central, assim como o conhecimento construído no decorrer do próprio trabalho. Para o intérprete, isso significa que parte das informações necessárias à compreensão das interações pode estar distribuída entre reuniões, artefatos de trabalho⁹ e conhecimentos acumulados pela própria equipe, sem aparecer previamente reunida em materiais específicos de preparação.

Gomes (2024), ao discutir, justamente, a preparação e documentação para intérpretes de línguas de sinais em contextos especializados, destaca que aspectos como a terminologia não podem ser separada dos conceitos e do contexto em que é usada. No campo da tecnologia, a autora exemplifica essa relação com os termos “iteração” e “interação”: apesar da proximidade formal, eles remetem a conceitos distintos na computação, e sua confusão pode comprometer a compreensão e as escolhas interpretativas. Preparar-se para esses contextos envolve, portanto, mais do que conhecer termos; exige compreender os conceitos, as instituições envolvidas, os objetivos da situação comunicativa e as formas de expressão próprias dos especialistas.

Essa preparação se torna ainda mais relevante na interpretação simultânea, em que há pouca margem para consultas durante a tarefa. Nos Modelos de Esforços, Gile (2009) descreve a atividade como a combinação de esforços de escuta e análise, memória de curto prazo, produção e coordenação, todos dependentes de uma capacidade limitada de processamento. Quando as demandas ultrapassam essa capacidade, o desempenho pode ser afetado. Gomes (2024) aproxima esse modelo da preparação ao mostrar que dificuldades para reconhecer termos ou compreender conceitos acrescentam esforço justamente durante a interpretação. Conhecer previamente parte desse conteúdo pode, assim, liberar recursos para outras exigências da tarefa.

⁸ *Sprint* é um ciclo de trabalho com duração definida, no qual a equipe desenvolve um conjunto de atividades planejadas antes de iniciar um novo ciclo.

⁹ “Artefatos de trabalho” designa os materiais e registros utilizados pelas equipes para organizar e acompanhar suas atividades, como quadros de tarefas, documentos internos, protótipos e registros de decisões, que podem também servir como fontes de contextualização para o intérprete.

As condições da interpretação também dependem da forma como o trabalho é organizado. Linden (2023), ao investigar a plataformização do trabalho de intérpretes de Libras, mostra que a digitalização pode alterar não apenas o meio em que a interpretação ocorre, mas também as relações e condições de trabalho. O autor discute, entre outros aspectos, a intensificação da multitarefa, determinações unilaterais sobre a organização do trabalho e situações de precarização associadas à prestação de serviços por plataformas digitais. Embora essa dimensão não seja examinada diretamente neste estudo, ela amplia a discussão sobre os efeitos da tecnologia sobre a atividade interpretativa e permanece relevante para pesquisas voltadas a esses contextos.

A atuação nesses contextos articula, assim, conhecimento especializado, mediação tecnológica, formas de organização do trabalho e exigências próprias da atuação e do contexto. A interpretação, portanto, não pode ser compreendida apenas a partir do par linguístico ou do conteúdo específico, mas também das condições concretas em que intérprete e participantes constroem a interação.

3. Materiais e métodos

O estudo tem caráter exploratório e predominantemente descritivo (Gil, 2008) e busca caracterizar perfis, práticas e demandas percebidas por intérpretes de Libras–português que atuam em contextos empresariais de tecnologia e soluções digitais. Os dados foram produzidos por meio de questionário elaborado a partir da literatura mobilizada no estudo e da experiência profissional das autoras nesse tipo de atuação.

Os participantes foram recrutados por amostragem não probabilística intencional (Gil, 2008), combinada à técnica de bola de neve (*snowball sampling*) (Vinuto, 2014). O convite foi inicialmente enviado a profissionais das redes das pesquisadoras e, em seguida, compartilhado entre intérpretes da área. A coleta ocorreu entre fevereiro e março de 2026, por meio de questionário on-line divulgado pelo WhatsApp. Foram incluídos intérpretes que, nos 12 meses anteriores à coleta, haviam atuado em empresas em situações de trabalho envolvendo equipes ou profissionais ligados à ideiação, ao desenvolvimento, à gestão ou à manutenção de produtos, sistemas ou serviços digitais, como reuniões de equipe, alinhamentos individuais, entrevistas, treinamentos e eventos internos. Perguntas iniciais de triagem verificaram o atendimento a esses critérios e, ao final, 12 participantes compuseram a amostra.

O instrumento de coleta foi um questionário on-line, autoadministrado e anônimo, elaborado no Google Forms, com 44 questões fechadas, de múltipla escolha, múltipla resposta e escalas de percepção ou frequência, e uma questão aberta ao final. O questionário foi organizado em cinco eixos: i) perfil profissional e formativo; ii) perfil linguístico e prática multilíngue; iii) contextos de atuação e demandas comunicativas; iv) práticas de trabalho, preparação e ferramentas mobilizadas; e v) desafios percebidos e demandas formativas. A organização dos itens contemplou tanto características dos participantes quanto aspectos relacionados às condições e práticas de atuação no contexto investigado.

Antes da aplicação, o instrumento passou por avaliação semântica e de conteúdo de três especialistas da área, sendo dois doutores e um mestre, com experiência em pesquisa, formação e/ou coordenação de equipes de intérpretes. Foram avaliadas a clareza dos enunciados, a pertinência das categorias e a correspondência dos itens com os objetivos do estudo. Em seguida, realizou-se um pré-teste qualitativo com dois intérpretes pertencentes à população-alvo ($n = 2$), voltado à compreensão dos enunciados e ao funcionamento do formulário. A partir dessas etapas, foram feitos ajustes pontuais na redação de perguntas e opções de resposta e na configuração final do instrumento.

Os dados das questões fechadas foram analisados por estatística descritiva, com cálculo de frequências absolutas. Nas questões de múltipla resposta, cada alternativa assinalada foi contabilizada individualmente, de modo que a soma das frequências pode ultrapassar o total da amostra. Respostas inseridas no campo “Outro” foram incorporadas a categorias já existentes quando havia equivalência semântica clara. Nas escalas de frequência, categorias adjacentes foram agrupadas quando isso favorecia a síntese dos resultados, como “sempre/frequentemente” e “nunca/raramente”, preservando-se a distribuição completa quando necessária à interpretação.

A questão aberta foi analisada por categorização temática orientada pelos objetivos do estudo. Buscou-se identificar aspectos recorrentes e elementos relevantes das experiências e dificuldades relatadas pelos participantes. Esse material foi utilizado de forma complementar às questões fechadas, sobretudo para detalhar aspectos que não apareciam com a mesma clareza nas categorias previamente definidas no instrumento.

Para a apresentação e discussão dos resultados, os cinco eixos do questionário foram reorganizados em três eixos analíticos, correspondentes aos objetivos específicos do estudo: i) perfil profissional e configuração da atuação no contexto; ii) ferramentas digitais, recursos de apoio e organização da prática; e iii) demandas linguísticas, terminológicas e comunicacionais percebidas pelos participantes.

A pesquisa seguiu os preceitos éticos aplicáveis às Ciências Humanas. A participação foi voluntária e condicionada ao aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, apresentado na abertura do questionário. Não foram solicitados nome, e-mail ou outros dados diretamente identificáveis, e os resultados foram analisados e apresentados de forma agregada.

4. Resultados e discussão

4.1 Perfil profissional e configuração da atuação no contexto

Os dados delineiam um grupo predominantemente experiente: dez dos 12 participantes acumulam mais de seis anos de atuação como intérpretes de Libras–português, sendo sete com mais de dez anos de experiência. Também se observa elevada escolarização na amostra: seis têm pós-graduação *stricto sensu*, sendo três com doutorado e três com mestrado, e outros dois, especialização ou MBA. Embora esses números não permitam caracterizar o perfil da categoria de forma mais ampla, mostram que, entre os participantes, a atuação em tecnologia se concentra em profissionais com trajetória profissional mais consolidada e expressivo acúmulo formativo.

Os percursos de entrada na profissão, por outro lado, são heterogêneos. A convivência com a comunidade surda e a inserção em contextos religiosos ou comunitários aparecem nas trajetórias de sete participantes cada; cursos livres de Libras ou de formação básica e certificações por exames de proficiência foram indicados por seis participantes cada, seguidos de formação acadêmica superior específica (quatro) e formação técnica profissionalizante (três). Observa-se que a formação superior específica aparece em quatro trajetórias, dado compatível com a institucionalização relativamente recente dessa formação no país. Entre os profissionais mais experientes, permanecem presentes percursos de aprendizagem vinculados às comunidades surdas, a espaços religiosos e à própria prática, anteriores à consolidação da formação acadêmica específica.

A atualização profissional também ocorre por vias diversas. Dez dos 12 participantes assinalaram o estudo autodidata/aprendizado na prática entre suas formas de atualização, oito mencionaram eventos científicos e acadêmicos, seis cursos livres ou de atualização profissional e seis formação em línguas adicionais; treinamentos corporativos internos foram indicados por três. A predominância do autoestudo e da aprendizagem na prática sugere que parte importante dos conhecimentos mobilizados nesse contexto vem sendo construída fora de percursos formativos especificamente voltados a esse tipo de atuação. Esse dado dialoga com

Gomes (2024), para quem a especialização em contextos específicos pode resultar da combinação entre formação acadêmica, formação complementar, autoeducação e experiência prática. Na amostra, portanto, a elevada escolarização não elimina a centralidade de formas informais ou experienciais de atualização, indicando que a construção de repertórios para a atuação se apoia fortemente no próprio exercício profissional.

A maior parte da amostra já acumula alguma experiência nesse contexto: 11 dos 12 participantes atuam em tecnologia e soluções digitais há pelo menos um ano, sendo seis há quatro anos ou mais. A atuação também é frequente para a maioria: dez participantes trabalham nesse contexto semanal ou diariamente. Esse contato continuado com práticas, temas e linguagem especializada sugere a construção de experiência em um domínio específico. Gomes (2024), com base em Witter-Merithew e Nicodemus (2012), chama atenção para processos de especialização construídos pela prática concentrada em determinado campo. Nesse caso, o tempo e a frequência de atuação sugerem que parte do conhecimento necessário a esse contexto pode ser desenvolvida no próprio exercício profissional.

Essa continuidade, contudo, não significa permanência junto às mesmas equipes de profissionais ou às mesmas empresas atendidas. Onze participantes atuam integralmente de forma remota e apenas um em regime híbrido, o que faz da mediação tecnológica uma condição quase constante nessa amostra. A alocação é majoritariamente rotativa: oito participantes circulam entre diferentes equipes, três combinam equipes recorrentes com outras demandas e apenas um atua exclusivamente de forma fixa. Assim, mesmo entre intérpretes com atuação frequente no contexto estudado, a circulação entre equipes e empresas pode limitar a familiaridade com projetos, interlocutores e referências construídas no cotidiano de cada grupo.

Quanto à direcionalidade, oito dos 12 participantes relatam atuação equilibrada entre os dois fluxos interpretativos, enquanto quatro indicam predominância de português → Libras; nenhum relata predominância de Libras → português. Para a maior parte da amostra, portanto, a atuação envolve regularmente os dois sentidos da interação, tanto no acesso dos profissionais surdos ao que é dito quanto na interpretação de suas contribuições aos demais participantes. Esse equilíbrio afasta uma compreensão da interpretação nesses contextos centrada apenas no acesso da pessoa surda à comunicação produzida por ouvintes. Os dados mostram também profissionais surdos participando das interações como interlocutores cujas falas, decisões, perguntas e posicionamentos precisam circular entre os demais participantes.

Parte da amostra também apresenta repertório profissional que ultrapassa o par Libras–português. Sete participantes relataram atuar com outras combinações linguísticas: seis envolvendo Libras e inglês, cinco Libras e espanhol e um português e Sinais Internacionais, em configurações uni ou bidirecionais. O dado indica que, para mais da metade da amostra, a atuação profissional envolve repertórios linguísticos mais amplos, aspecto que ajuda a contextualizar a presença do inglês nas práticas examinadas adiante neste estudo.

O Quadro 1 sintetiza os principais elementos que caracterizam o perfil dos participantes e sua forma de inserção e atuação no contexto investigado.

Quadro 1 – Síntese do perfil profissional e da atuação no contexto

Dimensão	Síntese dos dados
Experiência profissional	(7) mais de 10 anos de atuação; (3) de 6 a 10 anos; (2) de 2 a 5 anos.
Escolaridade	(3) doutorado; (3) mestrado; (2) especialização/MBA; (2) graduação completa; (2) ensino superior incompleto.
Formação inicial e inserção na prática	(7) convivência direta com a comunidade surda; (7) contextos religiosos ou comunitários; (6) cursos livres de Libras ou formação básica de intérpretes; (6) certificação por exame de proficiência; (4) formação acadêmica superior específica; (3) formação técnica profissionalizante.
Frequência de formação continuada	(4) participam constantemente; (3) semestralmente; (2) anualmente; (2) raramente; (1) nunca participa.
Modalidades de formação continuada e atualização	(10) estudo autodidata/aprendizado na prática; (8) eventos científicos e acadêmicos; (6) cursos livres ou de atualização profissional; (6) formação em línguas adicionais; (3) treinamentos corporativos internos; (2) formação específica para contextos especializados; (2) formação técnica complementar.
Experiência em tecnologia e soluções digitais	(5) de 1 a 3 anos; (3) de 4 a 6 anos; (3) mais de 6 anos; (1) menos de 1 ano.
Frequência de atuação no contexto	(7) semanalmente; (3) diariamente; (2) mensalmente.
Modalidade de trabalho	(11) atuação integralmente remota; (1) atuação híbrida.
Forma de alocação	(8) atuação rotativa entre diferentes equipes; (3) combinam atuação junto a equipes fixas com demandas rotativas de outras equipes; (1) atuação fixa/contínua junto à mesma equipe ou às mesmas equipes.
Direcionalidade da interpretação	(8) atuação equilibrada entre as direções; (4) predominância de português → Libras; nenhum participante relata predominância de Libras → português.
Atuação com outros pares linguísticos	(7) relatam atuação profissional com outros pares além de Libras–português: (6) inglês ↔ Libras, sendo que (1) também assinalou inglês → Libras; (3) espanhol ↔ Libras e (3) espanhol →

	Libras, com um participante assinalando ambas as direções; (1) português → Sinais Internacionais.
--	--

Nota: os valores entre parênteses correspondem ao número de participantes. Nas questões que admitiam múltiplas respostas, a soma das frequências pode exceder o total da amostra (n = 12).

Fonte: elaboração própria

A amostra reúne, assim, profissionais experientes, com atuação recorrente e majoritariamente remota, embora com trajetórias de ingresso e formação diversas. A predominância da alocação rotativa mostra, porém, que experiência no contexto em questão não significa continuidade junto às mesmas equipes, fazendo do acesso ao contexto e da circulação de informações uma questão importante para a organização da prática.

4.2 Ferramentas digitais, recursos de apoio e organização da prática

Os dados mostram que a atuação dos participantes ocorre em um ambiente fortemente mediado por tecnologias digitais. Todos os 12 utilizam plataformas de videoconferência, 11 têm contato com ferramentas de gestão ágil e quadros visuais e nove com softwares de design e prototipagem. Esses recursos cumprem funções distintas: alguns constituem o próprio ambiente das interações, enquanto outros organizam informações, tarefas e processos de trabalho. A mediação tecnológica discutida por Pöchhacker (2022) aparece, assim, como uma condição recorrente dessa atuação, na medida em que o intérprete participa das interações em um espaço virtual compartilhado.

Essa presença intensa da tecnologia no ambiente de trabalho, contudo, não corresponde a um uso igualmente amplo de recursos digitais para auxiliar diretamente o intérprete durante a tarefa, como legendas, tradução automática ou inteligência artificial para consulta. O uso desses recursos varia entre os participantes e, de modo geral, não aparece incorporado de forma sistemática à prática. O uso de múltiplos monitores também divide a amostra. Há, portanto, uma diferença entre trabalhar em um ambiente altamente tecnológico e utilizar recursos digitais para auxiliar diretamente a compreensão e a produção durante a interpretação.

A preparação apresenta um padrão relativamente consistente entre os participantes. Todos mencionam a leitura prévia de materiais, dez a pesquisa sobre conceitos da área ou do produto e a consulta a glossários técnicos, nove o *briefing*¹⁰ com o colega intérprete e sete o alinhamento prévio com o profissional surdo. Essas práticas indicam que a preparação não se

¹⁰ *Briefing* refere-se ao alinhamento feito antes da interpretação, com troca de informações sobre conteúdo, contexto, interlocutores, terminologia ou organização da tarefa. *Debriefing* é a conversa realizada depois da atuação, para revisar o que ocorreu, discutir dificuldades, decisões tomadas e aspectos relevantes da experiência.

restringe à terminologia, envolvendo também a busca ativa por informações sobre conteúdo, contexto e interlocutores, como discute Gomes (2024).

O acesso a materiais fornecidos pelas equipes, porém, é mais limitado. Apenas dois participantes relatam recebê-los com antecedência de dias; cinco, algumas horas antes; três, raramente ou nunca; e dois, somente no momento da reunião. A leitura prévia mencionada pelos participantes, portanto, não depende necessariamente de materiais encaminhados pela empresa, podendo envolver conteúdos buscados ou reunidos pelo próprio intérprete. Parte da preparação parece ocorrer por outras vias e se estender ao longo do próprio trabalho, em um contexto no qual informações são construídas e atualizadas durante as atividades e, portanto, nem sempre estão reunidas previamente em documentos formais (Salvador, 2025).

A configuração rotativa identificada na seção anterior torna relevante a troca de informações entre uma atuação e outra. Quando os intérpretes circulam entre diferentes equipes, informações sobre projetos, interlocutores, decisões anteriores e referências já construídas podem ajudar a recompor o contexto de cada grupo. Sete participantes realizam sempre ou frequentemente atualização de documentos de gestão ou passagem de plantão, com troca de informações entre intérpretes para manter o profissional seguinte informado sobre o contexto, as decisões e as particularidades das equipes ou projetos. O *debriefing* com colegas é realizado frequentemente por três participantes e às vezes por cinco. Já a atualização de glossários ocorre sempre ou frequentemente para três, às vezes para quatro e nunca ou raramente para cinco; documentos ou glossários compartilhados em tempo real são utilizados nunca ou raramente por nove. Os dados mostram, assim, maior frequência de práticas de troca de informações sobre o contexto das equipes do que de registro terminológico compartilhado.

A troca de informações entre intérpretes ocorre também durante a própria atuação, quando há mais de um intérprete envolvido. Em reuniões de até 60 minutos, dez participantes relatam atuação individual sempre ou frequentemente; em encontros com mais de 60 minutos, dez relatam atuação em dupla ou equipe com essa mesma frequência. A duração das reuniões aparece, portanto, como um elemento importante na composição das equipes de interpretação, em consonância com a regulamentação profissional, que prevê o revezamento de, no mínimo, dois profissionais em trabalhos superiores a uma hora (Brasil, 2023). Quando há atuação conjunta, o apoio entre os intérpretes depende dos próprios recursos do ambiente digital: nove utilizam sempre ou frequentemente salas paralelas ou chamadas secundárias e sete recorrem ao chat da plataforma. Esses canais funcionam como uma espécie de bastidor da interpretação, permitindo a circulação de informações e o apoio na atuação sem interromper a interação principal.

A coordenação da interação aparece também nas intervenções relatadas pelos participantes. Em várias dessas situações, o intérprete deixa de apenas produzir versões entre as línguas e passa a se dirigir diretamente aos participantes da reunião, interrompendo ou suspendendo momentaneamente o fluxo da interação quando necessário. Dez afirmam checar o entendimento ou alinhar rapidamente um conceito com o profissional surdo, nove intervêm diante de sobreposição de vozes ou problemas na troca de turnos e nove solicitam repetição ou esclarecimento de termos técnicos ou jargões¹¹. Oito concordam total ou parcialmente que se sentem confortáveis para intervir quando necessário.

A receptividade das equipes é avaliada de forma predominantemente positiva: seis participantes as consideram muito receptivas e colaborativas e quatro, parcialmente receptivas; um as considera pouco receptivas e outro afirma não intervir com frequência suficiente para avaliá-las. Essas ações se aproximam da dimensão de coordenação descrita por Wadensjö (2004), na medida em que o intérprete também toma a palavra para solicitar esclarecimentos, organizar turnos de fala ou verificar a compreensão. O conforto relatado pelos intérpretes e a receptividade das equipes sugerem que essas intervenções encontram algum grau de legitimidade na dinâmica das reuniões, embora o questionário não permita observar como são negociadas no momento em que ocorrem.

As demandas formativas ajudam a compreender como os participantes vêm construindo conhecimentos para atuar nesse contexto. Todos relatam ausência de formação específica para ambientes corporativos ou contato apenas superficial com esse conteúdo, e 11 afirmam não ter recebido formação voltada ao uso de ferramentas e recursos digitais na interpretação. Entre os conhecimentos que hoje consideram necessários, aparecem com maior frequência cultura corporativa e métodos ágeis, uso de inteligência artificial e ferramentas digitais de apoio, além de preparação e gestão de glossários, com nove ocorrências cada. Há, assim, uma correspondência entre temas pouco presentes na formação relatada e aqueles apontados como necessários no exercício profissional. Dez participantes afirmam ter aprendido sobre ferramentas tecnológicas e métodos ágeis de forma autodidata, nove pela prática e convivência com as equipes e cinco por meio de lideranças ou colegas intérpretes. Nesta amostra, portanto, parte dos conhecimentos específicos exigidos por esse contexto vem sendo construída depois do ingresso nessa atuação, sobretudo por autoestudo e pela própria experiência profissional.

¹¹ “Termos técnicos” são denominações associadas a conceitos especializados de determinada área ou atividade profissional; “jargões” são expressões recorrentes em um grupo profissional ou organizacional, como siglas, abreviações, expressões convencionais e denominações internas.

O Quadro 2 reúne os principais resultados desta seção: as ferramentas presentes no ambiente de trabalho, as estratégias de preparação e apoio, e as formas de coordenação e continuidade da prática.

Quadro 2 – Síntese das ferramentas, dos recursos de apoio e da organização da prática

Dimensão	Síntese dos dados
Ecosistema digital de trabalho	(12) plataformas de videoconferência; (11) ferramentas de gestão ágil e quadros visuais; (9) softwares de design e prototipagem; (3) ambientes de compartilhamento de código ou sistemas internos.
Recursos digitais de apoio à interpretação	Uso de dois ou mais monitores: (6) sempre/frequentemente e (6) nunca/raramente. IA para consulta rápida: (1) sempre/frequentemente, (5) às vezes e (6) nunca/raramente. Legendas com transcrição automática: (4) sempre/frequentemente, (2) às vezes e (6) nunca/raramente. Legendas com tradução automática: (1) sempre/frequentemente, (2) às vezes e (9) nunca/raramente. Tradutores automáticos: (4) às vezes e (8) nunca/raramente.
Preparação prévia	(6) preparam-se às vezes, a depender da complexidade do tema; (3) frequentemente; (2) sempre, como parte da rotina; (1) raramente.
Estratégias de preparação	(12) leitura prévia de materiais; (10) consulta e estudo de glossários técnicos; (10) pesquisa sobre conceitos da área ou do produto; (9) <i>briefing</i> com o colega intérprete; (7) <i>briefing</i> ou alinhamento prévio com o profissional surdo.
Acesso a contexto e materiais	(5) recebem materiais com pouca antecedência; (3) raramente ou nunca os recebem previamente; (2) recebem apenas no momento da reunião; (2) recebem com antecedência de dias.
Intervenção e receptividade das equipes	(8) concordam total ou parcialmente que se sentem confortáveis para intervir quando necessário. Entre as intervenções relatadas, (10) checam ou alinham o entendimento com o profissional surdo; (9) manejam sobreposição de vozes/turnos; (9) solicitam esclarecimento de termos técnicos ou jargões. Quanto à receptividade, (6) avaliam as equipes como muito receptivas e colaborativas; (4) como parcialmente receptivas; (1) como pouco receptivas; e (1) não realiza intervenções suficientes para avaliar.
Dinâmica de atuação por duração das reuniões	Em reuniões de até 60 minutos, (10) relatam atuação individual sempre/frequentemente. Em reuniões com mais de 60 minutos, (10) relatam atuação em dupla/equipe sempre/frequentemente.
Comunicação e apoio entre intérpretes	Salas paralelas ou chamadas secundárias: (9) sempre/frequentemente e (3) nunca/raramente. Chat da plataforma: (7) sempre/frequentemente e (5) nunca/raramente. Aplicativos externos de mensagens: (5) sempre/frequentemente, (4) às vezes e (3) nunca/raramente. Documentos e glossários compartilhados em tempo real: (9) nunca/raramente, (2) frequentemente e (1) não se aplica.
Práticas pós-atuação	Atualização de documentos de gestão/passagem de plantão: (7) sempre/frequentemente, (1) às vezes e (4) nunca/raramente. <i>Debriefing</i> com colega intérprete: (3) frequentemente, (5) às vezes e (4) nunca/raramente. Atualização de glossários: (3) sempre/frequentemente, (4) às vezes e (5) nunca/raramente. Anotações pessoais: (2) frequentemente, (6) às vezes e (4) raramente.

Formação específica para o contexto e para recursos digitais	Quanto à atuação em ambientes corporativos, (7) afirmam que a formação não contemplou conteúdos específicos e (5) relatam abordagem superficial. Quanto ao uso prático de ferramentas e recursos digitais na interpretação, (11) afirmam que a formação não contemplou o tema e (1) relata abordagem superficial.
Formas de aprendizagem sobre ferramentas e metodologias	(10) aprendizagem autodidata; (9) aprendizagem na prática e na convivência com as equipes; (5) repasse de lideranças ou colegas intérpretes.
Demandas formativas apontadas	As mais assinaladas foram: (9) cultura corporativa e ritos de metodologias ágeis; (9) uso de IA e ferramentas digitais de apoio à interpretação; e (9) preparação, organização e gestão de glossários terminológicos. Também aparecem (6) tradução/interpretação de jargões técnicos e estrangeirismos; (6) inglês instrumental aplicado à tecnologia; (4) estratégias de mediação e posicionamento; e (2) saúde ocupacional, ergonomia e carga cognitiva.

Nota: os valores entre parênteses correspondem ao número de participantes. Nas questões que admitiam múltiplas respostas, a soma das frequências pode exceder o total da amostra ($n = 12$). Nas escalas de frequência, as categorias “sempre” e “frequentemente” e, quando pertinente, “nunca” e “raramente” foram agrupadas para fins de síntese.

Fonte: elaboração própria

Essas práticas indicam que a preparação tende a se estender para além do momento anterior a cada tarefa. Materiais, *briefings*, passagens de plantão, artefatos de trabalho e alinhamentos com colegas intérpretes e outros profissionais fornecem informações sobre conteúdo, terminologia, projetos, interlocutores e equipes ao longo das diferentes atuações. Parte do conhecimento necessário ao trabalho vai sendo acumulada entre uma atuação e outra, o que ganha importância quando a circulação entre equipes reduz a continuidade do acompanhamento de um mesmo grupo. Os dados sugerem, assim, uma preparação distribuída¹², construída ao longo do tempo, a partir de diferentes fontes de informação e das trocas entre os profissionais envolvidos nas interações.

4.3 Percepções sobre demandas linguísticas, terminológicas e comunicacionais

O inglês aparece de forma recorrente nas situações de trabalho relatadas pelos participantes: seis mencionam contato diário e seis, semanal. Todos assinalam a presença de termos técnicos e jargões em inglês usados por ouvintes. Oito mencionam também termos em inglês usados por profissionais surdos, em Libras, por meio de datilologia ou sinais; oito relatam leitura de materiais visuais em inglês e oito, participação pontual ou continuada de profissionais estrangeiros em reuniões. Dez participantes concordam total ou parcialmente que a alternância entre Libras, português e inglês faz parte de sua prática profissional, enquanto dez discordam total ou parcialmente de que a formação inicial os tenha preparado

¹² Emprega-se “distribuída” em sentido descritivo, sem referência à cognição distribuída (*distributed cognition*).

para contextos multilíngues. Sete relatam facilidade para compreender e incorporar termos em inglês, três mencionam maior esforço cognitivo quando a língua surge de forma imprevista e dois apontam dificuldade, com necessidade de maior esforço, pausas ou risco de perda de informação. Seis participantes também atuam profissionalmente com Libras e inglês, o que pode contribuir para a facilidade relatada por parte do grupo.

A recorrência do inglês, contudo, não significa que ele participe das interações sempre da mesma forma. Em algumas situações, aparece de maneira localizada, em termos, materiais ou interfaces; em outras, integra a própria interação com interlocutores estrangeiros. Por isso, sua presença não implica necessariamente uma situação de interpretação entre três línguas nem uma terceira direção interpretativa estável. Essa distinção é importante também porque parte da amostra atua profissionalmente com Libras e inglês como línguas de trabalho, enquanto, nas situações investigadas, a participação dessa língua varia conforme o contexto. A circulação do inglês nesses ambientes constitui, assim, uma dimensão ainda pouco descrita na literatura sobre a atuação de intérpretes de Libras–português.

Para além da presença do inglês, os participantes também descrevem características recorrentes das interações nesse contexto. Onze mencionam alto nível de abstração conceitual e dez, uso intenso de jargões, termos técnicos e estrangeirismos. No questionário, essa abstração aparece em discussões sobre lógica, funcionamento e fluxos de sistemas, nas quais compreender a terminologia depende também de acompanhar as relações entre componentes e processos. Oito participantes destacam ainda o forte apoio em materiais visuais, de modo que parte da informação circula simultaneamente pela fala, por telas e por materiais compartilhados. A dinâmica das reuniões também aparece nas respostas: 11 apontam encontros curtos, dinâmicos e com tempo delimitado. Quanto ao ritmo, sete o caracterizam como moderado ou fluido e cinco como muito acelerado ou dinâmico; sobreposições de fala ou mudanças rápidas de tópico ocorrem frequentemente para cinco, ocasionalmente para cinco e raramente para dois.

A presença dessas características, contudo, não significa que todas sejam percebidas com a mesma intensidade como dificuldades para a interpretação. Quando os participantes são questionados especificamente sobre o que dificulta a atuação, o vocabulário especializado aparece sempre ou frequentemente para oito e a falta de envio prévio de materiais, para sete. Seis apontam os jargões internos da empresa, enquanto cinco mencionam a velocidade e a sobreposição de falas, a descontinuidade de intérpretes e condições inadequadas de áudio ou vídeo dos participantes. A alternância imprevista entre português e inglês aparece nessa frequência para apenas três. Embora o inglês esteja presente de forma recorrente na prática de

todos os participantes, sua alternância imprevista com o português é, portanto, menos frequentemente apontada como dificuldade do que o vocabulário especializado ou a falta de acesso prévio a materiais.

As respostas abertas dão maior concretude à questão do acesso ao contexto das equipes. Um participante menciona como desafio não acompanhar determinadas reuniões e nem sempre receber da coordenação informações suficientes sobre o que vinha sendo discutido. Outro destaca referências construídas ao longo da convivência entre os membros da equipe, como piadas internas e expressões associadas a episódios anteriores, cujo sentido pode não estar disponível para quem não acompanhou essas situações. Em diálogo com a predominância da alocação rotativa identificada na amostra, esses relatos mostram que a dificuldade pode estar não apenas na compreensão dos termos empregados, mas também no acesso a conhecimentos compartilhados que deixam de ser explicitados à medida que se tornam familiares ao grupo. Nesse cenário, práticas como passagem de plantão, atualização de documentos e outros registros podem contribuir para recompor parte desse contexto entre uma atuação e outra.

As respostas abertas mostram, também, que dificuldades na interpretação podem repercutir sobre a forma como a atuação do profissional surdo é percebida pelos demais. Ao comentar relações de poder e diferentes graus de polidez nas interações profissionais, um participante relata a preocupação de explicitar quando uma hesitação ou correção é do intérprete, e não do profissional surdo, para evitar que ela seja atribuída a este. Embora o questionário não permita saber com que frequência isso ocorre, o relato mostra que escolhas e dificuldades do intérprete podem repercutir sobre a imagem profissional do interlocutor surdo. Nesse tipo de situação, pedir esclarecimentos, intervir diante de sobreposições de fala ou checar o entendimento também envolve coordenar a interação, no sentido de Wadensjö (2004).

Onze dos 12 participantes concordam total ou parcialmente que as demandas interpretativas dos contextos de tecnologia diferem daquelas encontradas em contextos educacionais tradicionais; apenas um discorda parcialmente. Isso sugere que a experiência construída em um contexto não responde necessariamente às mesmas demandas encontradas em outro, especialmente quando variam os interlocutores, os objetivos da interação e a organização do trabalho. O estudo, contudo, não permite uma comparação direta entre esses contextos.

O Quadro 3 sintetiza essas demandas e os principais desafios associados a elas.

Quadro 3 – Síntese das demandas linguísticas, terminológicas e comunicacionais

Dimensão	Síntese dos dados
Frequência de contato com o inglês	Todos os participantes relatam contato recorrente com o inglês: (6) diariamente e (6) semanalmente.
Formas de presença do inglês	(12) termos técnicos e jargões em inglês produzidos por ouvintes; (8) termos e jargões em inglês expressos por profissionais surdos por meio de datilografia ou sinais; (8) leitura de materiais visuais em inglês; (8) participação de profissionais estrangeiros em reuniões, sendo (5) de forma pontual e (4) continuada — um participante assinalou ambas as opções; (3) vídeos ou áudios curtos em inglês.
Manejo do repertório multilíngue	(7) relatam facilidade para compreender e incorporar termos em inglês durante a interpretação; (3) compreendem a maior parte dos termos, mas indicam maior esforço cognitivo diante da presença espontânea do inglês; (2) relatam dificuldade, com necessidade de pausas, interrupções ou risco de perda de informação.
Alternância linguística e formação	(10) concordam total ou parcialmente que situações de alternância entre Libras, português e inglês fazem parte de sua prática profissional. Em contrapartida, (10) discordam de que sua formação inicial tenha incluído discussões sobre atuação em contextos multilíngues.
Características das interações	(11) reuniões curtas, dinâmicas e com tempo delimitado; (11) alto nível de abstração conceitual; (10) uso intenso de jargões técnicos e estrangeirismos; (8) forte apoio em materiais visuais.
Ritmo e sobreposição	(5) caracterizam o ritmo das interações como muito acelerado/dinâmico e (7) como moderado/fluido. Sobreposições de fala ou mudanças rápidas de tópico ocorrem frequentemente para (5), ocasionalmente para (5) e raramente para (2).
Fatores externos que dificultam a atuação	Considerando as respostas “sempre” e “frequentemente”, destacam-se: (8) vocabulário especializado; (7) falta de envio prévio de materiais; (6) jargões próprios ou internos da empresa; (5) cada velocidade/sobreposição de falas, descontinuidade de intérpretes e condições inadequadas de áudio ou vídeo; (4) compreensão de diferentes sotaques; (3) alternância imprevista entre português e inglês; e (2) mudanças abruptas de pauta. Problemas de conexão ou instabilidade da plataforma não foram apontados como dificuldade frequente ou constante.
Continuidade contextual e efeitos relacionais (<i>respostas abertas</i>)	Relatos mencionam dificuldade de acesso ao contexto de reuniões anteriores e a referências construídas ao longo da convivência das equipes, como piadas internas e expressões associadas a episódios passados. Um participante relata ainda a preocupação de explicitar quando hesitações ou correções são do intérprete, e não do profissional surdo, diante do risco de serem atribuídas a este.
Percepção de diferenciação do contexto	(11) concordam total ou parcialmente que as demandas interpretativas dos contextos de tecnologia diferem daquelas encontradas em contextos educacionais tradicionais; (1) discorda parcialmente.

Nota: os valores entre parênteses correspondem ao número de participantes. Nas questões que admitiam múltiplas respostas, a soma das frequências pode exceder o total da amostra ($n = 12$). Nas escalas de frequência, as categorias foram agrupadas quando indicado na síntese.

Fonte: elaboração própria

A experiência acumulada em contextos empresariais de tecnologia e soluções digitais, portanto, não garante familiaridade com a realidade de cada equipe atendida, especialmente quando a atuação envolve circulação entre diferentes grupos. Parte das demandas

identificadas depende do acesso a referências, decisões e conhecimentos construídos no cotidiano de cada equipe. Ademais, a presença recorrente do inglês acrescenta outra camada a esse cenário, sobretudo porque aparece com frequência nas interações sem ter sido contemplada, para a maioria dos participantes, em sua formação inicial para contextos multilíngues.

Considerações Finais

Este estudo buscou caracterizar a atuação de intérpretes de Libras–português em contextos empresariais de tecnologia e soluções digitais, considerando o perfil dos profissionais, a organização da prática e as demandas percebidas nesse trabalho. Na amostra investigada, predominam profissionais com vários anos de atuação no setor e trajetórias formativas diversas. Não há um percurso único de ingresso ou formação para esse tipo de trabalho: a formação acadêmica convive com autoestudo, aprendizagem na prática e conhecimentos construídos no próprio exercício profissional.

As demandas encontradas também não se restringem à terminologia. A atuação ocorre em ambientes fortemente mediados por tecnologias digitais, muitas vezes com circulação entre diferentes equipes e acesso limitado ou tardio a materiais e informações sobre o contexto de trabalho. A presença do inglês, a abstração conceitual, os recursos visuais e o ritmo das interações acrescentam outras exigências. Compreender o que está sendo discutido depende, assim, não apenas do conhecimento dos termos, mas também da familiaridade com projetos, interlocutores, práticas e referências construídas no cotidiano das equipes.

Trabalhar em um ambiente intensamente digital não significa usar, com a mesma frequência, recursos tecnológicos na própria interpretação. Esse uso varia entre os participantes. Ao mesmo tempo, conteúdos sobre ambiente corporativo, métodos ágeis e ferramentas tecnológicas aplicadas à interpretação aparecem pouco nos percursos formativos relatados. Parte desses conhecimentos foi construída por autoestudo e pela experiência profissional. Embora os resultados não possam ser generalizados, eles apontam aspectos que merecem atenção na formação de intérpretes que atuam nesses contextos.

Os dados sugerem ainda que a preparação pode se estender para além do período imediatamente anterior a uma tarefa. *Briefings*, passagens de plantão, artefatos de trabalho, materiais e trocas entre profissionais fornecem informações sobre conteúdo, contexto e interlocutores ao longo das diferentes atuações. A preparação assume, assim, um caráter distribuído, construindo-se e sendo atualizada entre uma atuação e outra e a partir de

diferentes fontes. A alocação rotativa pode dificultar esse acúmulo ao reduzir a continuidade no acompanhamento de uma mesma equipe ou projeto.

As conclusões deste estudo devem ser lidas considerando seu caráter exploratório. A amostra é reduzida e não probabilística, e os dados correspondem às percepções de 12 intérpretes obtidas por questionário. O recrutamento pelas redes profissionais das pesquisadoras e por indicação entre pares pode ter favorecido a participação de profissionais mais experientes e escolarizados, contribuindo para o perfil observado na amostra. Esse perfil caracteriza o grupo investigado e não deve ser tomado como próprio do contexto de atuação. Além disso, o estudo privilegiou a perspectiva dos intérpretes, sem incorporar a experiência dos profissionais surdos e dos demais membros das equipes.

Estudos posteriores podem avançar justamente nesses pontos. Dados interacionais permitiriam observar como as ações de coordenação relatadas pelos intérpretes se realizam turno a turno nas reuniões e como são negociadas entre os participantes. Também permanecem abertas questões sobre a circulação de Libras, português e inglês nesses ambientes, sobre a construção e o compartilhamento de conhecimento contextual e terminológico entre intérpretes e sobre os efeitos de diferentes formas de alocação na continuidade do acompanhamento das equipes. Ao descrever empiricamente um contexto ainda pouco estudado nos ETILS, este trabalho amplia a discussão sobre especialização, formação e organização da prática interpretativa em ambientes empresariais mediados por tecnologias digitais.

Referências:

ABREU, R. N. Direito Linguístico: olhares sobre as suas fontes. **A Cor das Letras**, v. 21, n. 1, p. 172–184, 2020. DOI: 10.13102/cl.v21i1.5230.

BAKER, M.; SALDANHA, G. (Ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 2. ed. Londres: Routledge, 2009.

BEER, H. **Políticas de tradução e comunidades surdas: deveres linguísticos para a garantia de direitos fundamentais**. 2024. 230 p. Tese (Doutorado em Linguística) — Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/263379/PLLG0991-T.pdf>

BRASIL. **Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991**. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 jul. 1991. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18213cons.htm

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm

BRASIL. **Lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023.** Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14704.htm

FEBRAPILS. **Lista de Referência de Honorários.** Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais, 2020. Disponível em: <https://febrapils.org.br/lista-de-referencia-de-honorarios/>. Acesso em: 09 mar. 2026.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILE, D. **Basic concepts and models for interpreter and translator training.** Ed. rev. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2009. (Benjamins Translation Library, v. 8).

GOMES, M. F. **Preparação e documentação para intérpretes de línguas de sinais.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/257805>. Acesso em: 20 jan. 2026.

LINDEN, V. C. **O processo de plataformização do trabalho do intérprete de Libras: relação entre condições de trabalho e digitalização.** 2023. 270 p. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/253145?locale-attribute=es>

LUCHI, M. A institucionalização de cursos superiores de formação de tradutores e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa no Brasil no decênio 2005/2015: o que os cursos esperam de seus alunos? 2019. 280 p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214807>

MARTINS, V. R. O.; NASCIMENTO, V. Da formação comunitária à formação universitária (e vice e versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de língua de sinais no contexto brasileiro. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. esp. 2, p. 78–112, 2015. DOI: 10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p78.

PÖCHHACKER, F. Interpreters and interpreting: shifting the balance? **The Translator**, v. 28, n. 2, p. 148–161, 2022. DOI: 10.1080/13556509.2022.2133393.

POLTRONIERI-GESSNER, A. V.; SANTOS, S. A. Liaison interpreting ou escort interpreting? Um estudo sobre a interpretação de Libras–português na área empresarial. **Revista Sinalizar**, v. 2, n. 2, p. 139–159, 2017. DOI: 10.5216/rs.v2i2.50246.

RODRIGUES, C. H. O corpo de disciplinas de tradução na formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais no Brasil: conteúdos, carga horária e competências. **Belas Infieis**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 145–162, 2019. DOI: 10.26512/belasinfieis.v8.n1.2019.12775.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. esp. 2, p. 17–45, 2015. DOI:10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p17.

RODRIGUES, C. H.; CHRISTMANN, F. As pesquisas brasileiras sobre tradução e interpretação de línguas de sinais: os ETILS na pós-graduação em Estudos da Tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 43, n. 1, p. 1–44, 2023. DOI: 10.5007/2175-7968.2023.e94239.

RODRIGUES, C. H.; GALÁN-MAÑAS, A.; CUSTÓDIO DA SILVA, R. Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais: atualidades, perspectivas e desafios. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 41, n. esp. 2, p. 9–18, 2021. DOI: 10.5007/2175-7968.2021e85311.

SALVADOR, F. H. **Métodos ágeis no desenvolvimento de software e seus impactos no alinhamento entre tecnologia da informação e negócios**. 2025. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3136/tde-27052025-102845/>. Acesso em: 1 mar. 2026.

SIGALES-GONÇALVES, J. S. A noção de deveres linguísticos e sua contribuição para a configuração do Direito Linguístico no Brasil. **Travessias Interativas**, São Cristóvão, v. 10, n. 22, p. 256–278, 2020. DOI: 10.51951/ti.v10i22.

VILAÇA-CRUZ, R. C.; RODRIGUES, C. H.; GALÁN-MAÑAS, A. O mercado de trabalho de intérpretes e tradutores de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa: uma revisão de publicações recentes. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 42, n. 1, p. 1–23, 2022. DOI: 10.5007/2175-7968.2022.e84510.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203–220, ago./dez. 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977

WADENSJÖ, C. Dialogue interpreting: a monologising practice in a dialogically organised world. **Target: International Journal of Translation Studies**, v. 16, n. 1, p. 105–124, 2004. DOI: 10.1075/target.16.1.06wad

WITTER-MERITHEW, A.; NICODEMUS, B. Toward the international development of interpreter specialization: an examination of two case studies. **Journal of Interpretation**, v. 20, n. 1, art. 8, 2012.

Recebido em: 31/03/2026
Aprovado em: 20/08/2026